

INFORMAÇÕES

(Continuação da pág. 3)

MISSAS			
Dia	Hora	Intenções	
23	Seg	18h00	Maria da Conceição Pereira (7.º dia); Palmira Rodrigues Campos (30.º dia); Florinda Martins; Laurinda Gomes Dinis; António Gonçalves do Rego, esposa, filhos e genros; Maria Martins Enes Capeio; Maria Alice Marques Miranda; Manuel Costa Faria Pinto
24	Ter	18h00	Albino Afonso Amorim (30.º dia); José Sá Coutinho, esposa e irmão; Serafim da Silva Baganha, pais, sogros e cunhados; Arnaldo Soares Barbosa e esposa; Rosa Alves Maciel e marido; Agostinho Orlando Toipa e sogros; Porcina Coroas Martins Branco; Maria Alice Marques Miranda; Palmira Rodrigues Campos; Manuel Costa Faria Pinto
25	Qua	18h00	Elvira Fontainhas da Costa (30.º dia); Daniel Gil e esposa; Artur Pereira da Silva, pais e sogros; Carminda Meira Costa Faria, pais, irmã e cunhados; José Mendes da Silva e esposa; Manuel Carreiras, esposa, filho e genro; Benvindo Gonçalves Durães e sogros; Manuel António Martins Pinto; Maria Júlia Afonso Parente Gonçalves e marido; Maria Alice Marques Miranda; Palmira Rodrigues Campos
26	Qui	18h00	Maria Enes Dias Pinheiro e família; Manuel de Lima Rodrigues, filho e genro; Maximina Rodrigues da Cruz e marido; Martinho Gonçalves Montes, esposa e filho; Almas do Purgatório
27	Sex	18h00	David Gonçalves de Carvalho, esposa e filhos; Paulo Alexandre Correia; Maria Clementina Gonçalves Borlido e marido; Maria Martins Sá Barbosa (aniv.); Lucinda Gomes Dinis, marido e filho; Esperança Amorim, marido e filho; Francisco Nicolau Ramos Júnior (aniv.) e família; Vicente Soares, sogros e cunhados; Maria da Conceição Maciel Fernandes Moreira e marido
28	Sáb	18h00	Rosa Pires Loureiro; Pais de Irene Gaião; José Pires Loureiro (aniv.); Palmira Pires do Rego; Maria da Conceição Loureiro, marido, filhos e bisneto; Em ação de graças a N. Sr.ª de Fátima
29	Dom	09h00	Maria Martins Ribeiro, marido e filho; Maria Amélia Enes Ramos; António Moreira da Silva (aniv.) e esposa; Custódia Martins Passos Esteves (aniv.); Simpliciano Rodrigues Fernandes, sogros e cunhado; Helena Gonçalves dos Gonçalves dos Reis e marido; Laurinda Alves e marido; Maria Irene Pequito Carvalho e marido; Mariana Afonso Rosa, marido, filho e genros; Amadeu Pereira e pais; João Afonso Gonçalves; Armindo Paixão, esposa e irmãos; Alberto Joaquim Bastos, irmãos e cunhados

PARÓQUIA VIVA

N.º 406 – 22/11/2020

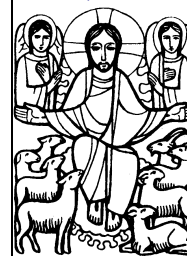
Boletim Litúrgico-informativo • Areosa - Viana do Castelo

Telefone: 258 811 475 | Telemóvel: 93 63 22 123

E-mail: paroquiaareosa@sapo.pt / Web: www.paroquiaareosa.org • Sai todos os Domingos



34.º Domingo Comum – Ano A (Solenidade de Cristo Rei)



«sentar-Se-á no seu trono glorioso. Todas as nações se reunirão na sua presença e Ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; e colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda.» (Evangelho)

Como se chega ao céu?

Por: José Luís Nunes Martins

Quase todos queremos ir para o céu, mas poucos se esforçam por descobrir, escolher e aceitar o seu caminho para lá chegar.

Só há um caminho para cada um de nós. Passa por quem está perto de nós, todos aqueles com quem nos cruzamos várias vezes ao longo dos dias. Por vezes, no mesmo dia. Os nossos familiares, aqueles com quem trabalhamos e, de uma forma ou outra, todos aqueles de que conhecemos o olhar.

Na verdade, todos fazemos parte uns dos outros, pelo que não podemos ser felizes se os outros não estiverem bem. É promovendo a sua felicidade que alcançamos a nossa.

Por mais paradoxal que pareça, quem cuida apenas de si não consegue o

resultado que deseja: paz e alegria.

Os egoístas julgam que os outros são meros figurantes numa história que tem apenas um protagonista: eles mesmos. São o centro do seu mundo, onde não cabe mais ninguém, de tão grandiosos que se julgam. Vivem sempre sozinhos, mesmo que haja quem lhes satisfaça os caprichos. Vivem descontentes, mesmo que tenham mais do que o suficiente para serem felizes.

O caminho para o céu passa por dar com amor, não por acumular com egoísmo.

Pode até a nossa vida ser muito mais pesada do que alguma vez julgámos possível, mas nunca é mais pesada do que aquilo que os nossos ombros aguentam. E se nos derrubar uma vez, que sejamos capazes de nos erger e de seguir adiante. Muitas vezes, precisaremos da ajuda de outros. Assim também os outros, por mais fortes que sejam e os julgemos, precisam da nossa força.

Amar é ir ao encontro de quem está fraco. Não por ele ser fraco, mas apenas porque somos iguais a ele e é sempre tempo de apoiar quem vive um momento de necessidade.

(Continua na pág. 3)

34.º Domingo Comum – Ano A (Cristo Rei)

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª Leitura: Ez. 34, 11-12.15-17

2.ª Leitura: 1 Cor. 15, 20-26.28

Evangelho: Mt. 25, 31-46

- Festa de Cristo-Rei -

A realeza de Cristo é-nos apresentada através de imagens de difícil conciliação: como combinar a solicitude do pastor (1.ª leitura) com o trono glorioso e majestático do texto evangélico?

Mas é mesmo este o jeito de Cristo ser rei! Foi este o caminho que Ele percorreu até alcançar o trono da Ressurreição.

Por isso, não pode apontar-nos outro caminho que não seja o da solicitude atenta e devotada por todos os necessitados.

Em tempos em que os homens dão tudo para conseguir um ‘momento de glória’ e se prostram subservientemente diante dos poderosos e dos famosos, os cristãos são chamados a não se desviarem do caminho percorrido pelo seu Mestre e Rei.

E não se trata de uma realeza ‘do outro mundo’, nem apenas de ser rei de outra maneira, mas da única realeza autêntica: servir é que é reinar! Com efeito, tantos Reis, Imperadores e Impérios houve através dos tempos e já há muito cobertos pela poeira do esquecimento, enquanto a realeza de Cristo permanece e cresce até que “todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés”, garante S. Paulo. Por isso, só em Cristo podemos encontrar a verdadeira realeza, aquela que não é origem de dominação e de despotismo, que arruína e destrói, mas fonte de vida e de vida em abundância para todos.

A palavra do Senhor deste dia diz-nos, pois, que a verdadeira forma de reinar é a do pastor, que não apenas cuida do seu rebanho de forma global e anónima, mas se dedica de forma pessoal e diferenciada a cada uma das suas ovelhas, tendo em conta a sua situação: vai procurar a que se desgarrou e anda perdida ou tresmalhada, cuida da que está ferida, acarinha e trata da que anda enfraquecida, e não se dispensa de velar pela gorda e vigorosa, pois para ele cada uma das suas ovelhas é única.

Estes tempos de pandemia, impondo o distanciamento social e impedindo os contactos físicos, desafiam-nos a descobrir novas formas de uma proximidade atenta e solícita, pois a chave que abre as portas deste Reino, diz-nos Jesus no evangelho, são as obras de misericórdia: tive fome e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber; era peregrino e acolhestes-me; estava doente ou preso e fostes visitar-me; andava necessitado e vestistes-me...

Só com e como Cristo poderemos ser verdadeiramente independentes para nos pormos amorosamente ao serviço dos outros! Só com esta chave poderemos abrir a porta do Reino dos Céus! Com efeito, como disse alguém, Deus, no juízo final, não olhará para as nossas faltas, mas para as nossas mãos, para ver se elas estão vazias ou cheias de boas obras!

Pe. José de Castro Oliveira

Como se chega ao céu?

Por: José Luís Nunes Martins

(Continuação da 1.ª página)

As portas do céu estão à nossa volta, um pouco por todo o lado. Precisamos de parar e fazer do nosso silêncio espaço e tempo para que o outro nos revele aquilo de que precisa. Mais, precisamos de estar atentos aos olhares que se cruzam com o nosso, buscando a verdade que está por detrás de cada um. Depois de parar, escutar e olhar, é tempo de agir.

É tempo de amarmos e fazer com que os que sofrem se sintam amados. Sem palavras nem discursos, pois as obras do amor não se fazem de promessas nem de belas frases.

Nunca basta amar. É preciso que o outro se sinta amado. Caso contrário, é apenas um exercício de boa vontade, sem resultado. Talvez até um pouco egoísta, porque o objetivo deve mesmo ser que o sofrimento do outro seja apaziguado através do amor de que formos capazes.

Para chegar ao céu é preciso ser luz.

Quem não é luz apenas aumenta a escuridão!

In Ecclesia, 13.11.2020

JMJ 2023: Papa entrega Cruz das Jornadas Mundiais em nova etapa rumo a Lisboa

Francisco preside a passagem simbólica do Panamá para a capital portuguesa

O Vaticano anunciou que o Papa vai entregar este domingo a uma delegação portuguesa, na Basílica de São Pedro, a Cruz da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), cuja próxima edição internacional decorre em Lisboa (2023).

Em nota enviada à Agência ECCLESIA, a sala de imprensa da Santa Sé informa que vão estar presentes “uma delegação da América Central”, onde decorreu a JMJ 2019 (Panamá) e outra de Portugal.

“Como anunciado pelo Santo Padre no último dia 5 de abril, durante a oração do ângelus, no próximo domingo, 22 de novembro, solenidade de Cristo Rei e conclusão do ano litúrgico, no final da Santa Missa presidida pelo Papa Francisco na Basílica de São Pedro terá lugar a entrega da Cruz das Jornadas Mundiais da Juventude”, refere a nota.

O gesto simbólico da passagem da Cruz, dos jovens do Panamá para os de Lisboa estava previsto para o último Domingo de Ramos (5 de abril), mas foi adiada por causa da pandemia.

A celebração de domingo tem transmissão online, nos canais do Vaticano, e vai decorrer “em conformidade com as atuais normas de segurança sanitária”, refere o Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida (Santa Sé), em comunicado enviado à Agência ECCLESIA.

A partir de quarta-feira, responsáveis da Pastoral Juvenil das várias conferências episcopais e movimentos internacionais participam num encontro internacional online, promovido pelo referido organismo da Santa Sé, sobre o tema ‘Do Panamá a Lisboa – chamados à sinodalidade missionária’.

A Cruz da JMJ foi entregue pelo Papa João Paulo II aos jovens em abril de 1984 e marcou o início de uma peregrinação da juventude de todo o mundo; em 2003, o mesmo pontífice confiou aos jovens uma cópia do Ícone de Nossa Senhora ‘Maria Salus Populi Romani’.

A JMJ realiza-se, anualmente, a nível local (diocesano) no Domingo de Ramos (ou em data a definir por cada diocese), alternando com um encontro internacional a cada dois ou três anos, numa grande cidade.

As edições internacionais destas jornadas promovidas pela Igreja Católica são um acontecimento religioso e cultural que reúne centenas de milhares de jovens de todo o mundo, durante cerca de uma semana.

In Ecclesia, 17.11.2020